

## RESUMO EXPANDIDO EM PAINEL TEMÁTICO

### “Grotesquerie”: uma leitura bakhtiniana da série de televisão e sensação de colapso social iminente<sup>1</sup>

O estudo propõe uma leitura bakhtiniana da série de televisão estadunidense de terror *Grotesquerie*, criada por Ryan Murphy, utilizando-a para discutir novas relações entre o gênero terror e um mundo marcado pelas consequências do capitalismo para o meio ambiente e da extrema direita na política. Em sua investigação das epistemologias pré-históricas do discurso no romance, Mikhail Bakhtin reflete sobre as delineações grotescas rabelaisianas como estando entre as manifestações nascentes desse discurso. Nossa hipótese é de que o funcionamento do dinamismo carnavalesco na série *Grotesquerie* visa também expor de forma lúdica um mundo em que o pensamento apocalíptico está no centro de uma sensação de colapso social iminente. A história de *Grotesquerie* está repleta dessa tendência carnavalesca que se detém no significado/poder sendo negociado e produzido por meio da materialidade e corporalidade da caracterização e do cenário, bem como da trama. Essas sensibilidades são aqui abordadas no contexto de uma ecologia carnavalesca-grotesca.

Monique Vandresen 1<sup>2</sup>

Larissa Damaris Lorena de Oliveira 2<sup>3</sup>

Marcos Roberto Klann 3<sup>4</sup>

Jucimara Costa Wachholz 4<sup>5</sup>

Pietra Paola Garcia 5<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo temático C (Comunicação digital, consumo e comportamentos em rede/ Filosofia da tecnologia: inteligência artificial, pós-humanismo, trans-humanismo) do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela ECA-USP. PPGAC e PPGModa Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC. [mvandresen@gmail.com](mailto:mvandresen@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda do PPGAC UDESC. [larissalorenaoliveira@gmail.com](mailto:larissalorenaoliveira@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutorando do PPGAC UDESC, [marcosklann@gmail.com](mailto:marcosklann@gmail.com)

<sup>5</sup> Mestranda do PPGAC UDESC, [arte.juci@gmail.com](mailto:arte.juci@gmail.com)

<sup>6</sup> Doutoranda do PPGAC UDESC, [pietrapg@hotmail.com](mailto:pietrapg@hotmail.com).

## Resumo expandido

“- É uma atrocidade, um crime de guerra. Algo que acontece em lugares onde não há mais esperança e nem ordem.

- Talvez isso se aplique ao aqui e agora, e a nós.” (Grotesquerie, S1E1, FX)

O diálogo, parte da série de televisão “*Grotesquerie*”, serve como fio condutor neste estudo, que propõe uma leitura bakhtiniana da série de televisão estadunidense de terror criada por Ryan Murphy. O trabalho defende ainda que o objeto de estudo – a série “*Grotesquerie*” é um exemplo de um subgênero (presente especialmente dentro do terror, do policial e da ficção científica) que se caracteriza pela ficcionalização dos debates atuais em torno das consequências do aquecimento global e do exame das limitações do neoliberalismo na ficção do século XXI.

Em “A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais”, Bakhtin discute o que estaria na origem do conceito de grotesco, além do exagero, das hipérboles e do excesso:

Na base das imagens grotescas, encontra-se uma concepção especial do conjunto corporal e dos seus limites. As fronteiras entre o corpo e o mundo, e entre os diferentes corpos, traçam-se de maneira completamente diferente do que nas imagens clássicas e naturalistas (BAKHTIN 1987, p.275)

O grotesco dentro das manifestações teatrais se apresenta de maneiras diversas que vão do cômico ao trágico, povoa modos de fazer, com estéticas específicas, como a *Commédia dell’Arte*, a bufonaria, o teatro de horror, a tragédia. No entanto, mais do que sua manifestação expressa nestas estéticas através de características, como o exagero, o hiperbolismo, a deformidade, o abjeto – o grotesco no teatro é compreendido pela capacidade de formular questões e tensões sobre o que é entendido como realidade, no sentido de uma pretensa normalidade. O grotesco no teatro, conforme o pesquisador em teatro José Tonezzi (2011), não se estabelece como representação da vida, como imitação desta realidade convencional. O grotesco, no contexto teatral, é produção de realidade, por ser também uma manifestação da vida. Ao sobrepor novas camadas sobre a

realidade ditada como regra social e como sistema fechado, teatro e grotesco borram as fronteiras e trazem complexificação e crítica às convenções sociais e políticas.

Nossa hipótese é de que o funcionamento do dinamismo carnavalesco na série “*Grotesquerie*” visa também expor de forma lúdica um mundo em que o pensamento apocalíptico está no centro e em que vivemos com uma sensação de colapso social iminente. A história de “*Grotesquerie*” está repleta de uma tendência carnavalesca a se deter no significado/poder sendo negociado e produzido por meio da materialidade e corporalidade da caracterização e do cenário, bem como da trama. Essas sensibilidades são aqui abordadas no contexto de uma ecologia carnavalesca-grotesca.

“*Grotesquerie*” mostra um mundo à beira do colapso. A situação dos sem-teto parece ter ultrapassado qualquer limite e chove quase o tempo todo. Entre a falta de moradia desenfreada, uma pandemia global e uma crise de fé espiritual tão terrível que até mesmo as igrejas estão recorrendo ao jornalismo marrom para atrair fiéis, a série apresenta um mundo que deixou de fazer sentido e no qual, pior, continuamos a viver como se nada estivesse acontecendo, como no diálogo a seguir:

- “Estou construindo uma “*Fireline*”.

-Parece que essa coisa simplesmente veio do nada, certo? Você acha que deveríamos voltar?

- Nunca vem do nada. Nós fizemos isso. Queimamos combustíveis fósseis, aumentamos as emissões de gases, destruimos a camada de ozônio. Ninguém se importou.

- Você sabe se há uma maneira de contornar o fogo?

- A única coisa a fazer agora é improvisar, adaptar e superar. Você tem que passar por isso.

-Através do fogo? Você acha que deveríamos voltar?

- Tarde demais para voltar. Você sabe qual foi o ponto de inflexão? A temperatura global subiu três graus Celsius. O limite é quatro. O calor aumentará. Você deve ir para as terras mais baixas. O lugar mais seguro é a estrada. Você tem sorte, você tem um carro. Você vai sobreviver, provavelmente.

- Mas nem todo mundo.

- Não, nunca todo mundo” (*Grotesquerie*, S1E4, FX).

A história de “*Grotesquerie*” está repleta dessa tendência carnavalesca que se detém no significado/poder sendo negociado e produzido por meio da materialidade e corporalidade da caracterização e do cenário, bem como da trama, fazendo uso dos preconceitos e sensibilidades

geo-visuais. Essas sensibilidades são aqui abordadas no contexto de uma ecologia carnavalesca-grotesca.

Outro aspecto de extrema importância dentro análise diz respeito às relações entre espaço e tempo. Além do embate entre espaços e tempos, através da confrontação permanente entre passado e presente da personagem Lois Tryon ((Niecy Nash), que nos remete ao conceito bakhtiniano de cronotopo (BAKHTIN, 2010), temos o tempo diegético da trama, um tempo em que, por um lado, há smartphones, mas, por outro, é permitido fumar em qualquer lugar. Os “conflitos” dentro deste tempo diegético estão também nos aparelhos hospitalares e na forma com que a polícia examina as imagens das cenas do crime, projetando diapositivos.

A série gira em torno de uma sucessão de crimes quase cenográficos investigados pela detetive Lois Tryon. Sem pistas, ela aceita a ajuda da Irmã Megan (Micaela Diamond), jornalista do Catholic Guardian. Lois é o arquétipo da investigadora durona, beberrona e nihilista que o cinema *noir* tradicionalmente restringiu a homens brancos de meia-idade. Na série analisada, esta interpretação alegórica é virada do avesso e aborda reality shows, vício, armas, fé e a mundanidade do casamento.

Apesar de abordar o tema do futuro do planeta sob diversas perspectivas e utilizar diferentes estratégias narrativas, o que une estas perspectivas é que o medo de um “juízo final”, de um castigo” está sempre presente, mas a questão do planeta parece estar nas entrelinhas. O carnaval, ou o carnavalesco, como uma manifestação sociocultural discursiva da heterogeneidade do discurso e da práxis humanos deve ser examinado na trama e caracterização da história de *Grotesquerie*, pois mostra uma natureza dialógica.

Estes elementos humano-ecológicos e seus “entre mundos” e tempos diferentes podem ser apropriados para portanto, serem vistos como uma manifestação do “transe socializado” (Goffman 1982, 113, conforme citado em Seltzer 2016, 135). Concluiremos mencionando que acreditamos que a arquitetônica *bakhtiniana*, ou seja, o conjunto de conceitos teóricos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin dentro dos campos da teoria literária e da filosofia da linguagem forneça importantes instrumentos de análise com relação à dramaturgia televisiva, principalmente no que se refere a questões relacionadas com espaço e tempo. Dessa forma, conceitos como cronotopo, dialogismo e polifonia nos permitem desenvolver um novo olhar acerca de produtos da Indústria Cultural como *Grotesquerie*.

Esta pesquisa procura mostrar ainda que a ficção, com a sua capacidade de dar voz e contrastar diferentes discursos e perspectivas, bem como de envolver os espectadores emocional e intelectualmente, é uma ferramenta adequada para provocar a reflexão sobre algumas das questões éticas e filosóficas.

### Palavras-chave

Palavra-chave: Bakhtin; Carnavalesco; Grotesco; Terror; Televisão; Streaming.

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. (Tradução de Yara Frateschi Vieira). São Paulo/Brasília: HUCITEC e Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BERGER, Andrew. 1995. **Essentials of Mass Media Communication**. London: Sage.

BRAUN, Edward. **Meyerhold - A revolution in Theatre**. Reino Unido: Methuen Drama, 1988.

CHOU, Hsing-Chun. 2002. **Joyce, Bakhtin and the Postcolonial Trialog**. Glasgow:Glasgow University Press.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: LTC, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. São Paulo: Vozes, 2011.

GROTESQUERIE. 2024. Produção e Direção: Ryan Murphy. FX Productions Production, 20th Century Fox, Ryan Murphy Television, cor.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue- Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: HARAWAY, Donna; HARI, Kunzru; TOMAZ, Tadeu (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 22-118.

HULME, Mike. 2009. **Why We Disagree about Climate Change**. Understanding Controversies, Inaction and Opportunity. Cambridge: Cambridge University Press.

LOVELOCK, James. 2000. **Gaia**. Oxford: Oxford University Press.

LOVELOCK, James. 2009. **The Vanishing Face of Gaia**. London: Allen Lane.

NASPOLINI, Marisa. “O Grotesco em Meierhold: princípios para a criação de uma nova teatralidade”. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**. Florianópolis, v1, n. 7, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101072005049>. Acesso em: 3 jan. 2022.

NOTTE, Riccardo. **You, Robot: Antropologia della vita artificiale**. Firenze: Vallecchi, 2005.

TONEZZI, José. **A cena contaminada: um teatro das disfunções**. São Paulo: Perspectiva, 2011.  
**WANDA VISION**. Criação: Jac Schaeffer. Marvel Studios, 2021, son., color.